

Estado Novo e Cultura

Barbora Vaculová, 24 let

**Janáčkova akademie múzických umění v Brně, Divadelní fakulta, II. ročník divadelní
dramaturgie**

Bratří Dohalských 144, Praha 9, 19000

ÍNDICE

ÍNDICE	1
INTRODUÇÃO	2
1. ESTADO NOVO E CULTURA	3
1.1 O contexto histórico e político-social.....	3
1.2 "Política do espírito"	4
1.3 Censura	6
1.4 Exposição do Mundo Português.....	7
2. CULTURA E ESTADO NOVO	9
2.1 Arquitectura.....	9
2.2 Escultura	10
2.3 Pintura.....	11
2.4 Teatro.....	13
CONCLUSÃO	15
FONTES USADAS	18
1. Bibliografia.....	18
2. Internet.....	18
NOTAS	20

INTRODUÇÃO

Em todas as épocas históricas e em todos os lugares do mundo sempre existiam os artistas que serviam aos seus governadores. Nomeadamente os ditadores dos regimes autoritários usam a arte como um instrumento da sua propaganda.

Este trabalho trata da época entre os anos 1933 e 1974 em Portugal, isto é da ditadura de Salazar. Procura esboçar o clima cultural do *Estado Novo*. Foca o problema de como a arte pode ser influenciada pela política dum regime totalitário. Descreve as linhas e os métodos gerais da cultura política de Salazar. Descreve as organizações e instituições fundadas por Salazar para realizar a chamada "*política do espírito*". Relata os processos e represálias destes órgãos do Estado contra os artistas que não simpatizavam com o regime.

Sobre Salazar e o seu regime autoritário já foi dito e escrito muito, existe uma literatura vasta sobre este assunto. O nome de António de Oliveira Salazar podemos encontrar em livros históricos, em escritos da ciência política, na literatura de ficção, entre outros. A maioria destes livros é, naturalmente, escrita pelos autores portugueses. Mas também os autores estrangeiros se ocupam com este tema.

Muitos originais portugueses foram traduzidos para várias línguas estrangeiras – p.ex. espanhol, inglês, francês. Muitas obras dos autores tiranizados pelo regime salazarista foram editadas nos países do antigo bloco soviético - porque os socialistas e comunistas portugueses foram muito odiados e perseguidos por Salazar. As suas obras e actividades contra o regime serviam como um exemplo da luta do comunismo contra o imperialismo. Por isso há traduções em russo, polaco, checo etc.

A maioria das informações para este trabalho foram tiradas dos livros dos autores portugueses – maioritariamente dos originais (escritos em português). Mas algumas das fontes originais das quais precisava não eram acessíveis na República Checa. Nestes casos usava as suas traduções

checas.

Uma grande parte dos dados, além das fontes literárias, provém da internet. Por este meio de informação é, na nossa época, possível encontrar quase tudo. Deparamos com várias páginas portuguesas com a problemática salazarista - desde as basicamente anti-fascistas até as páginas da "Fundação de Oliveira Salazar" que, sem dúvidas, abertamente propaga o fascismo e glorifica a personagem do ditador como "*um homem de génio*" e chama-lhe "*um dos maiores Portugueses do século vinte*".

O trabalho tem duas partes principais: "Estado Novo e cultura" e "Cultura e Estado Novo." Cada um é dividida em quatro subcapítulos. A primeira parte descreve algumas circunstâncias históricas e político-sociais do Estado Novo. Explica as regras básicas da política cultural do Estado, da chamada "política do espírito". Esclarece as actividades da propaganda e descreve como funcionava a censura salazarista. Trata de Exposição do Mundo Português. A segunda parte, "Cultura e Estado Novo", concretamente aproxima as diferentes disciplinas da arte daquela época. No caso da arquitectura, escultura e pintura adverte como a arte pode servir à propaganda do regime. O subcapítulo "Teatro" é um exemplo da actividade cultural muito pouco ligada com o regime. Ao mesmo tempo é um exemplo de como tal arte oposicionista era influenciada e censurada pelos órgãos do Estado.

Este trabalho não pretende dar uma lista de nomes, obras e correntes artísticas. Tenta fazer um perfil do clima cultural de Portugal na época de Salazar.

1. ESTADO NOVO E CULTURA

1.1 O contexto histórico e político-social

O período da Primeira República entre os anos 1910 e 1926 foi marcado por uma grande instabilidade de Portugal. Durante dezasseis anos a República teve 8 presidentes e 44 primeiro

ministros. Decorreram 24 revoltas e rebelias e 158 greves gerais. A maioria dos portugueses era iletrada (no ano de 1920 em Portugal vivia 70,5 por cento dos analfabetos).¹ O país encontrava-se, no sector político, económico e social, numa situação quase catastrófica.

Nestas circunstâncias foi pelo movimento de 28 de Maio de 1926 estabelecida uma ditadura militar. António de Oliveira Salazar obteve nomeação para Ministro das Finanças dois anos depois desta quartelada, em 1928. No ano de 1932 tornou-se Presidente do Conselho. No ano seguinte apresentou uma nova Constituição que pôs fim à Ditadura Militar e instaurou o regime do Estado Novo. A maioria dos historiadores e cientistas políticos concordam com a opinião de que o regime salazarista podemos definir como um autoritativo sistema corporativo com a inclinação para o fascismo.² O regime português teve muitos atributos comuns com o fascismo alemão e italiano, mas em muitos aspectos diferenciou-se deles- p.ex. apesar de grande nacionalismo dos salazaristas, o antisemitismo em Portugal quase não existia. Também o culto a Salazar nunca assumiu as proporções existentes na Itália ou na Alemanha.

Ainda hoje em dia, os admiradores de Salazar e do Estado Novo, falam sobre este período da história portuguesa como sobre: *"uma longa época de paz social, de progresso económico, de restauração de valores nacionais, de vida independente e ativa duma grande nação soberana, multicontinental e plurirracal que Portugal então era."*³ Nos olhos destes portugueses o Estado Novo foi *"muito melhor que o regime anterior - e muitíssimo melhor que o actual"*.⁴

1.2 "Política do espírito"

Foi em 1933 quando o regime define pela primeira vez as linhas e métodos gerais da sua política cultural. Neste ano criou-se o Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), chefiado por António Ferro. O chefe do SPN tracejou a chamada "política do espírito" já no ano 1932 quando entrevista Salazar no Diário de Notícias (naquele tempo António Ferro trabalhava como jornalista

e crítico literário). Nas palavras endereçadas a Salazar disse: "...alguns dos seus admiradores gostariam de ver aproveitar mais a lição de Itália, a lição do Duce".⁵ Depois continuava: "atravessámos, sem dúvida, uma hora de renascença financeira, económica, industrial (...). Negar este impulso, esta aleluia, esta descoberta de Portugal pelos portugueses, seria uma injustiça, uma prova de má vontade. Falta uma política do Espírito, inteligente e constante, consolidando a descoberta, dando-lhe altura, significação e eternidade (...). O Espírito, afinal, também é matéria, (...) a matéria prima da alma dos homens e da alma dos povos."⁶

Salazar estabeleceu o S.P.N. em defesa do Estado perante os "inimigos da ordem" que, apesar da censura e da inexistência das liberdades mínimas de se associarem e exprimirem, ameaçaram o regime e deformavam com a sua "agitação insidiosa" as realidades da obra do regime. Como politicamente, em palavras de Salazar "o que parece é", ou seja, politicamente "só existe o que o público sabe que existe", porque "a aparência vale pela realidade", era necessário demonstrar todas as vantagens e todos os sucessos do regime a todos e de uma forma total: na família, nas escolas, nas aldeias, nas ruas, nas oficinas, nas igrejas, etc.⁷ Tratava-se de inflamar as almas com um discurso propagador do regime político. Cada sector ou actividade eram directamente ou indirectamente subordinados ao Estado: sindicatos nacionais, casas do povo, casas dos pescadores, Mocidade Portuguesa (MP), Organização das Mães para a Educação Nacional, Federação Nacional para a Alegria no Trabalho etc. Muitas das organizações do Estado Novo eram fundadas segundo o modelo dos outros regimes fascistas europeus daquela época.

A propaganda também era a "definição das grandes linhas do regime para a cultura e as artes".⁸ Neste campo o SPN criou três bases fundamentais da "política do espírito".

A primeira consistia no uso da cultura como meio de propaganda, como "fachada da nacionalidade". Os movimentos culturais deviam ser orientados no sentido de glorificar o regime e o seu chefe.

A segunda foi a tentativa de conciliar a velha tradição e os antigos valores com a modernidade daquele tempo. Pôr a cultura ao serviço de uma ideologia nacionalista, unir a tradição de nautas, santos, cavaleiros com as ideias modernistas e futuristas de António Ferro e os seus companheiros.

Em terceiro lugar era a tentativa de estabelecer uma cultura nacional e popular com base nas suas raízes e nos ideais do regime.⁹

Em suma, a cultura salazarista devia ser simples, de modo a distrair o "bom povo" e contribuir para sua distração e o esquecimento dos problemas em que não lhe competia pensar.

Muitos artistas portugueses de todos os sectores da arte foram convidados a colaborar, directa ou indirectamente, nas iniciativas da propaganda do regime. Todos eles marcam uma intensa actividade propagandístico-cultural nos anos 30 e 40- nas exposições de arte moderna do S.P.N. (iniciadas em 1935), exposições de "arte popular", prémios literários, pavilhões portugueses nas feiras internacionais, marchas populares de Lisboa, desfiles históricos, concursos da aldeia mais portuguesa, etc.

Pelo fim da Segunda Guerra Mundial o S.P.N. passou a chamar-se S.N.I. (Secretariado Nacional de Informação). O próprio António Ferro acaba por ser afastado do S.N.I. em 1949, e o seu afastamento marca o fim de uma época do domínio da "política do espírito" do Estado Novo. As obras da época de S.N.I. já não são tão grandiosas; perdem a monumentalidade dos seus modelos fascistas.

1.3 Censura

Uma das básicas características dos regimes não-democráticos é a falta da liberdade de palavra.

Logo a seguir da revolução de 28 de Maio de 1926 foi estabelecida a censura prévia.

A censura salazarista evitava com cuidado a difusão das ideias socialistas ou comunistas e de todo movimento e rebelião contra o regime. As informações das agências de notícias estrangeiras foram controladas e reformuladas pelas agências de informações do Estado.

Dependendo do Ministério do Interior e a partir de 1944 do S.P.N. a censura controlou a imprensa, o teatro, a rádio o cinema, e mais tarde também a televisão.

Do mesmo modo sofreu a literatura portuguesa. Durante o Estado Novo foram confiscadas centenas dos livros. Alguns escritores foram submetidos a um julgamento pela sua actividade literária. A título do exemplo da censura em Portugal pode servir o caso da proibição do romance "*Quando os lobos uivam*" de Aquilino Ribeiro - um grande romancista português, fundador e presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores.

O símbolo do arbítrio do Estado será o assalto policial e encerramento da Sociedade Portuguesa de Escritores, em 1965, após a S.P.E. ter concedido o prémio de literatura a Luandino Vieira, escritor e patriota angolano então preso no Tarrafal.¹⁰

Desde o seu princípio no ano de 1926 até à segunda metade dos anos 30 a censura, no sector da literatura, relativamente ainda não era tão forte. A partir de 1935 até ao fim da Segunda Guerra Mundial, no período áureo do regime, a censura intensificou e tornou se mais estrita. Pouco tempo depois do fim da Guerra chegou para Portugal três semanas de um "degelo" da vida política do país. Durante esta libertação do regime toda a censura foi para 48 horas sustenta. Mas depressa foi estabelecida de novo - e ainda mais dura e rígida do que nos últimos anos.¹¹

1.4 Exposição do Mundo Português

Entre os projectos da propaganda salazarista mais ambiciosos pertencia a Exposição do Mundo Português que foi realizada no ano de 1940 em Lisboa. Neste ano Portugal comemorava o duplo centenário da fundação (1140) e restauração (1640) da nacionalidade - através da

"exposição do orgulho nacional" , designação atribuída por António Ferro. Destacou a grande epopeia dos Descobrimentos, realçando o contributo português para o conhecimento dos mares. A exposição engradece a herança histórica para elogiar o regime político presente. As celebrações dos centenários devem ser uma festa nacional que tinha por figura central, segundo Margarida Acciaiuoli, *"o regime como herdeiro de uma história gloriosa"*. Numa das declarações de António Ferro podemos ler que a exposição, realizada num momento em que a Europa se desagregava, servia para *"mostrar aos nossos amigos e inimigos que nós continuamos unos e orgulhosos da nossa história"*.¹²

A localização para a realização da exposição foi escolhida na zona de Belém, simbolicamente no local de partida das antigas caravelas portuguesas. Toda a área de doce de Belém encontrava-se praticamente abandonada até ao princípio dos trabalhos. Na montagem da exposição trabalhavam durante um ano e meio 17 arquitectos, 43 pintores-decoradores, 15 engenheiros, 5000 operários, entre outros.¹³ Colaboraram quase todos os aquitectos, escultores e pintores modernos.

Uma das reminiscências da Exposição do Mundo Português que podemos ainda hoje em dia encontrar em Lisboa é o Padrão dos Descobrimentos. Já na nota oficiosa de 1938 Salazar se referia à construção de um monumento em honra do Infante Dom Henrique e da epopeia dos Descobrimentos. O monumento, um monolito colossal feito em betão armado, foi concebido pelo arquitecto Cottineli Telmo e pelo escultor Leopoldo de Almeida.

Com 50 metros de altura, 20 de largura e 46 de comprimento, o padrão, lançado ao Tejo, pretendia sintetizar um passado glorioso e simbolizar a grandeza e a obra de D. Henrique, tantas vezes homenageado ao longo da Exposição.

Apresenta a forma de uma caravela de pedra ancorada no Tejo com uma tripulação de heróis portugueses. À proa fica D. Henrique, de ambos os lados dele está um cortejo formado por 30

figuras dos heróis dos Descobrimentos - Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral, Fernão de Magalhães, Diogo Cão, João Gonçalves Zarco, Afonso de Albuquerque, D. Filipa de Lancastre, Afonso V, D. Manuel I, Luis de Camões, e outros mais. Em 1960 foi reconstruído em pedra pelo mesmo Leopoldo de Almeida.¹⁴

Apesar da toda a grandiosidade, a Exposição do Mundo Português não encontrou aceitação suposta. Era o princípio da Segunda Guerra Mundial e o turismo enfraqueceu.

2. CULTURA E ESTADO NOVO

2.1 Arquitectura

Os anos 30 e 40 foram um período do apogeu do regime salazarista e da sua propaganda. Nestes anos foram espetacularmente inauguradas muitas novas "obras públicas" como por exemplo: hospitais, tribunais, barragens, estádios, quartéis para o Exército, Marinha e Aviação, edifícios escolares, pousadas. O estilo arquitectónico destas obras é racional e modernizante.

Nos anos seguintes a arquitectura portuguesa toma vulto dum monumentalismo fascizante, inspirado na arquitectura alemã.

As décadas de cinquenta e sessenta são marcadas pelo aprofundamento entre o que restava da política cultural oficial e as novas correntes estéticas.

O Estado Novo vai construir as outras obras públicas nos anos a seguir da Guerra. Apesar disso muitos arquitectos começavam a criticar o regime e afastam-se assim da política arquitectónica oficial.

Intensificava-se o número destes "desertores" que procuravam a maior liberdade de criação.

Nos anos 60 e 70 a arquitectura encontrava muitas oportunidades de se impôr nas obras públicas. Entra-se na "era dos edifícios": o Edifício de Avis e o Edifício Castil de F. Conceição e Silva (1973) e o Edifício "Franjinhas" de Nuno Teotónio Pereira do mesmo ano. Mas as

encomendas do estado pouco a pouco cedem o terreno ao setor privado.

Para a vida dos lisboetas foi muito importante a inauguração da "Ponte Salazar" sobre o rio Tejo no ano de 1966. A ponte que tem mais do que um quilómetro de comprimento foi na altura a maior ponte da Europa. No início da "Abrilada" no ano de 1974 o seu nome original foi substituído por "Ponte 25 de Abril".¹⁵

2.2 Escultura

O Estado Novo coloca a escultura em primeiro plano. A escultura salazarista é definida como evocativa, comemorativa e histórica. Por todo o território português, incluindo o ultramar, erguem-se os monumentos evocativos aos mortos da Grande Guerra e as estátuas comemorativas dos heróis portugueses como p.ex.: navegadores, chefes militares, reis, literatos, chefes de governo etc.

Uma obra muito importante para a escultura salazarista era a estátua "*João Gonçalves Zarco*" do criador Francisco Franco. Sua escultura do navegador importante, erguida no Funchal em 1928, iniciou o que António Ferro designa, "*a idade de ouro da escultura portuguesa*".¹⁶

A estátua do Zarco de Franco foi, para a propaganda, um símbolo da história, do império; um culto do herói português. Personificava uma severa espiritualidade, uma genealogia moral e cultural de que se reclama o regime.

Mas a mais conhecida estátua da época salazarista é, sem dúvida, a do Cristo Rei de Francisco Franco. Este gigante com 52 metros de altura total podemos encontrar na margem sul do Tejo em Lisboa.¹⁷ Retoma a Ponte de 25 de Abril.

A escultura salazarista procurava definir uma particularidade português - de harmonia com desejo da política do Estado Novo. Mesmo como a arquitectura e pintura deviam fomentar o objecto de Salazar - evocar a restauração do império português com os seus heróis, e a

reconstrução da história gloriosa do país. Porque a história é, para Salazar, feita sobretudo de manifestações de nacionalismo, de sacrifícios heróicos, da célebre época dos Descobrimentos etc., que prolongam o passado mas que se viram para o futuro, para o mudo novo.

2.3 Pintura

Também a pintura estava "ao serviço" do Estado Novo. Ao longo dos anos 30 e 40 fora convidada a colaborar, de forma directa ou indirecta, nas iniciativas de propaganda patrocinadas pelo regime um grande grupo dos pintores e gráficos portugueses.

Entre os sectores da pintura que realizava as missões de propaganda destacou-se a criação do cartaz. O cartaz tinha uma grande vantagem – podia abordar e influenciar um público largo. (A televisão foi introduzida em Portugal no ano de 1957 e por isso até esta data pertencia o cartaz a um dos meios de propaganda com a maior importância).

Um dos criadores dos cartazes propagandísticos (e da pintura e gráfica oficial em geral) foi José de Almada Negreiros (* 7. 4. 1893 São Tomé) um artista universal - pintor, poeta, novelista, ensaísta, romancista, dramaturgo, crítico panfletário etc.

Em 1933 Almada elaborou o cartaz para o S.P.N. “Votai uma nova Constituição“: *“É uma colaboração que se inicia. Não com subserviência. Não sem críticas. Mas colaboração...”*¹⁸

Continua sem desfalecimento, sem parar, nunca abandona a multiplicidade - faz cartazes, vitrais, selos, interessa-se também na tapeçaria e na arte de azulejos. Num dos seus cartazes figura a divisa de Salazar "Tudo pela Nação". É autor dos vitrais na Igreja da Nossa Senhora da Fátima e dos grandes murais nas gares marítimas de Alcântara e da Rocha.

No ano de 1940 colabora na Exposição do Mundo Português. É encarregado de fazer os vitrais para o Pavilhão da Colonização. Da sua autoria são também os cartazes de propaganda “Duplo centenário“ e “Festas do Duplo centenário“.

O S.P.N. dá-lhe o título de Mestre, em 1959 recebe o "Prémio Nacional das Artes" e finalmente o Estado propõe-lhe o Grande Oficialato da Ordem de Santiago Espada.

Nunca pára com o trabalho. No ano de 1954 cria o seu famoso retrato de Fernando Pessoa que é mais tarde leiloadado por um preço ineditamente alto. Com 75 anos da idade começa a pintar o painel para a Fundação Colouste Gulbenkian e os frescos para a Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra.

No ano de 1970 morre no Hospital de S. Luís dos Franceses, no mesmo quarto onde morrera Fernando Pessoa.

Almada Negreiros é uma personagem cheia dos paradoxos - por um lado, como pintor, evidentemente colabora com o regime e por outro lado a sua obra escrita é, para ele, uma forma de protesto. Nunca deixava de crítica. Sempre dizia o que pensava, sempre provocava. Nunca deixou de o fazer até ao fim.

Em tempos Almada respondera a alguém: "*As pessoas que eu mais admiro são aquelas que nunca acabam.*"¹⁹ Entre os que nunca desistiram até ao fim pertenceu sem dúvida também Salazar. Era portanto por essa razão que Almada fizera tantas obras para louvar o regime? Realmente dava crédito à utopia do Estado Novo ou fizera-o somente por causa da especulação e por espírito de lucro? Mas por que no mesmo tempo fizera uma crítica do estado?

Parece como se gozasse, como se brincasse com o regime, com os seus censores, com toda a máquina do Estado Novo. É possível que Almada Negreiros, além de todas as suas profissões, tenha sido também um bom actor e somente fingia a sua simpatia e lealdade com o regime. Fazia este teatro para poder criar.

Seja como for, na história da arte portuguesa a personalidade de Almada Negreiros é inscrita como um precursor das correntes modernas, nomeadamente do futurismo e do cubismo. "*Participou em todas as actividades mais ou menos demolidoras dos conceitos estéticos e*

literários dominantes, apoiando os movimentos que vieram abrir novas perspectivas a evolução da arte moderna".²⁰

2.4 Teatro

Talvez nenhuma actividade cultural tenha sentido a pressão dos censores salazaristas como o teatro português. Muitos autores dramáticos foram presos, "julgados" e não puderam exercer as suas profissões. Proibira-se a publicação de muitas obras ou ordenava-se a retirada deles do mercado.

Durante os anos mais duros da ditadura uma peça para subir à cena suportava várias leituras. A primeira era feita por uma Comissão de Censura que truncava e cortava o texto da peça. A maior tarefa dos censores era prender e apreender cada réplica que podia "pôr em risco a segurança e a tranquilidade do país".

Além da censura prévia do texto existia também a censura prévia ao espectáculo. Em muitos aspectos foi ainda pior - por exemplo no facto que a peça não podia subir à cena depois de tanto trabalho de todo o colectivo teatral e depois de ter-se gasto muito dinheiro.

Também numerosos dramaturgos de estrangeiro eram inaceitáveis para o regime salazarista. Na lista negra das peças estrangeiras integralmente proibidas destacam-se: todas as peças de *Bertold Brecht*, *Jean- Paul Sartre*, *Eugen Ionesco*, *Pablo Neruda*, *Boris Vian*, entre muitos outros. "Perigosos" para o Estado Novo foram também por exemplo peças tão clássicas como "*Júlio César*" de *William Shakespeare* ou "*A Mandrágora*" de *Niccolò Machiavelli*. Entre essas peças "perigosas" pertenceram também alguns passos de *Gil Vicente*.

"É por demais evidente que assim se asfixiou lentamente, numa agonia que os dados estatísticos comprovam, o teatro português contemporâneo. (...) Bloqueado - duplamente bloqueado - o dramaturgo português continuava uma luta..."²¹

Em Dezembro de 1973, poucos meses antes da Revolução de 1974, a Sociedade Portuguesa de Autores enviava ao Secretário de Estado da Informação uma declaração onde referia "*os obstáculos de natureza administrativa que, habitualmente, defrontam as obras dramáticas dos autores portugueses a as impedem de cumprir o seu normal destino - que é o de serem representadas*".²²

Uma parte desta declaração fazia uma estatística dos últimos anos de actividade teatral que nos mostra claramente o resultado da censura sobre o teatro português - o número de peças originais representadas pela primeira vez foi: dez em 1969, cinco em 1970, quatro em 1971, uma em 1972, e nenhuma em 1973.²³ Este documento foi, se calhar, o último de uma longa lista das petições, protestos e exposições que já, graças a Deus, fazem uma parte da história da cultura portuguesa na luta pela sua liberdade.

Na peça de *Bernardo Santareno* - "*Português, Escritor, 45 anos de Idade*", publicada em Junho de 1974, encontramos o cansaço, o aborrecimento e a resignação dum artista português da luta quotidiana contra a tirania da ditadura do Estado Novo: "*Sou português, escritor e tenho quarenta e cinco anos de idade. (...) Assim tenho vivido, assim temos vivido em Portugal. Tenho quarenta e cinco anos e ... estou farto, cansado, já não acredito em nada. Esta ser a minha última peça. Estou desesperado, e a vida dói-me horrivelmente. Sim, esta representação ,, gostaria que fosse, uma despedida. Uma despedida sem amor. Perdi tudo. O que lhes possa acontecer a vóces, espectadores, mesmo aos mais jovens, já não me interessa. Esperança, progresso, luta, futuro, beleza, camaradagem, povo, juventude ... são papéis rasgados para mim. Tiraram-me tudo. Já não posso mais. Esta, repito, ser a minha última peça. Uma peça autobiográfica. Escrevi-a na prisão.*"²⁴

CONCLUSÃO

A arte é uma coisa que deveria ser livre e independente. Na política a gente é sempre dependente – dos interesses do seu partido, do seu eleitorado, da marcha dos acontecimentos políticos e económicos.

Se misturamos o dependente com o independente, a política com a arte, surge a pergunta fundamental se o resultado desta mescla ainda podemos chamar "a arte". Se o resultado da "política cultural" do governo dum país não é mais propriamente uma "cultura política".

É difícil concordar com os políticos quem fazem entrar a arte no mundo da política. Ainda pior é quando se um artista deixa arrastar para os serviços da política. É quase uma “prostituição política” da arte. Não é importante qual regime ou qual partido político este artista promove, seja comunismo, seja fascismo, ou seja uma ideologia qualquer. O facto importante é que a arte se degrada para um "veículo" da política.

Salazar, como todos os ditadores, também usava a arte como meio da sua propaganda. Este uso da arte era um dos pontos de apoio da “política do espírito” do Estado Novo. Uma grande parte dos artistas portugueses discordava com este papel da arte. Por isso alguns deles foram submetidos a um julgamento do Estado. Muitos emigraram para o estrangeiro. Outros ficaram e criaram sem a possibilidade de publicar - já vimos que isto é o caso dos literatos e autores dramáticos. Mas muitos criadores, sobretudo das fileiras dos artistas plásticos, ficaram – e colaboraram. Participaram na construção da “fachada da nacionalidade”, na criação do grande espectáculo para o “bom povo”. Colaboraram na defesa do Estado perante os inimigos da sua ordem. A sua colaboração gozava de arnês e de apoio estatal. Em primeiro plano do Estado Novo eram artes plásticas- nomeadamente a escultura e a arquitectura. Num país onde a maioria dos habitantes era analfabética para o regime realmente não valia a pena apoiar o desenvolvimento da literatura ou do teatro. Ao contrário estas disciplinas da arte eram as mais cerceadas e perseguidas

pela censura salazarista.

O intento da propaganda cultural era mostrar os sucessos, as vantagens e a força do Estado Novo; consternar o povo pela monstruosidade dos edifícios e das estátuas. Por isso são todas as obras da arquitectura e da escultura salazarista tão grandiosas, gigantescas e babilónicas. Tais métodos artísticos não são característicos somente para o regime de Salazar. Esta grandiosidade e monumentalidade é típica para as obras dos muitos outros regimes totalitários - p.ex. para o fascismo alemão ou para o comunismo soviético.

A herança da política cultural do regime de Salazar podemos encontrá-la em todos sítios de Portugal- desde o monumento de Padrão dos Descobrimentos, a estátua de Cristo Rei e avenidas na capital até as estátuas dos heróis portugueses nas vilas provincianas. Os arquitectos “da corte de Salazar“ mudam absolutamente o carácter das cidades universitárias (como podemos ver p. ex. em Coimbra). Tudo é ingente e monumental e ao mesmo tempo despersonalizado, frio. Quase todos os edifícios, monumentos e estátuas têm o mesmo aspecto- são obras da “política do espírito”- e sem espírito qualquer ...

Cada totalitarismo causa uma grande isolamento do país e dos seus habitantes. Esta isolamento marca, além do sector político e económico, a mentalidade e a moral da sociedade. Não influencia somente a gente que vive neste regime totalitário , mas também as gerações seguintes – e pode se dizer que tem influência no “espírito da nação” em geral. Também os quarenta anos da ditadura salazarista deixam o seu cartão de visita na alma de Portugal. Isto acontece em todas as esferas – desde a mentalidade dos portugueses, a orientação política do país, até o espírito de criação no campo da arte portuguesa.

O Estado Novo foi durante toda a longa época dos quarenta anos chefiado por António de Oliveira Salazar. Fica a última pergunta: Quem era Salazar? Como todos os ditadores era um usurpador da liberdade português; o tirano do povo português. É responsável por muitos crimes

políticos. É responsável pela morte de muitos portugueses sem culpa nenhuma. Não é então nada estranho que tenha tido muitos oponentes. O que nos parece mais estranho é que tenha tido muitos admiradores e defensores. E o mais estranho de tudo é que ainda existem muitos quem mesmo hoje admiram e glorificam a personalidade de Salazar. Os crimes do ditador justificam-nos com a afirmação de que em política nada é fácil. *“Não é simples assegurar a ordem sem violência, o trabalho na disciplina e a realização das grandes obras colectivas sem haver choques....”*²⁵ É uma tentativa justificar o injustificável.

Seja como for, Salazar faz uma parte da história portuguesa. Suceda o que suceder, esperemos que António de Oliveira Salazar tenha sido o último ditador de Portugal.

FONTES USADAS

1. Bibliografia

BARATA OLIVEIRA, José: *História do Teatro Português*. Lisboa 1991.

COELHO, José Dias: *Odboj v Portugalsku*. Praha 1966.

FRYER, Peter; PINHEIROVÁ MCGOWAN, Patricia: *Salazarovo Portugalsko*. Praha 1965.

KLÍMA, Jan: *Dějiny Portugalska*. Praha 1996.

NEGREIROS, Almada: *Obra completa*. Rio de Janeiro 1997.

OLIVEIRA MARQUES, A. H. de: *História de Portugal contemporâneo (Economia e Sociedade)*. Lisboa 1993.

SCHEJBALOVÁ LENKA: *Charaktristické rysy autoritativního politického systému na příkladu Salazarova Portugalska*. Olomouc 2000.

ŽALOUDEK, Karel: *Encyklopedie politiky*. Praha 1996.

2. Internet

Cultura. In: www.city.pt/cultura/politica/25_de_abril/en_cul.html.

Cultura: Almada Negreiros.

In: www.terravista.pt/aguaalto/1864/Almada2.html.

ESTADO NOVO. Centro de Documentação 25 de Abril.

In: www.uc.pt/cd25a/ospp_po/ospp05.html.

Fundação de António de Oliviera Salazar.

In: www.geocities.com/CapitolHill/Lobby/6559/estadonovo.html.

O Império na palma de mão.

In: www.instituto.camoes.pt/arquivos/expo1940.htm.

O Padrão dos Descobrimentos.

In: <http://atelier.hannover2000.mct.pt/~pr377/tiagomdes.htm>.

O Velho Estado-Novo. In: www.terravista.pt/FerNoronha/1574.html.

SANTANA, Daniel Henrique: *Arte ou Propaganda. Os Fazedores de Letras*. *Jornal da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*.

In: www.os-fazedores-de-letras.pt/ler/faz22/22-arte-prop.html.

Serviço de informação de Segurança: Estado novo.
In: www.sis.pt/historia/estnovo.htm.

NOTAS

¹ KLÍMA, Jan: *Dějiny Portugalska*. Praha 1996, p. 166.

² SCHEJBALOVÁ LENKA: Charaktristické rysy autoritativního politického systému na příkladu Salazarova Portugalska. Olomouc 2000, p. 2.

³ *Fundação de António de Oliviera Salazar*.

In: www.geocities.com/CapitolHill/Lobby/6559/estadonovo.html.

⁴ Idem.

⁵ SANTANA, Daniel Henrique: *Arte ou Propaganda. Os Fazedores de Letras. Jornal da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*.

In: www.os-fazedores-de-letras.pt/ler/faz22/22-arte-prop.html.

⁶ Idem.

⁷ MATTOSO, José: *História de Portugal*. Volume 7, *O estado novo*. Lisboa 1994, p. 292.

⁸ Idem, p. 293.

⁹ Sociedade e cultura portuguesas 2. Lisboa 1989: OLIVEIRA MARQUES, A. H. de; ROSAS, Fernando; CAMÕES GOUVEIA, António; CRUZ CANAVEIRA, Manuel Filipe; p. 313.

¹⁰ TARRAFAL – um dos prisões renomados salazaristas que estava situado na ilha de Santiago no Cabo Verde.

¹¹ FRYER, Peter; PINHEIROVÁ McGOWAN, Patricia: *Salazarovo Portugalsko*. Praha 1965, p. 216.

¹² – todas as citações neste parágrafo são de: *O Império na palma de mão*.

In: www.instituto.camos.pt/arquivos/expo1940.htm.

¹³ Idem.

¹⁴ O Padrão dos Descobrimentos.

In: <http://atelier.hannover2000.mct.pt/~pr377/tiagomdes.htm>.

¹⁵ SYMINGTON, Martin: *Portugalsko, Madeira a Azory*. Praha 1998, p. 114.

¹⁶ SANTANA, Daniel Henrique: *Arte ou Propaganda. Os Fazedores de Letras. Jornal da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*. In: www.os-fazedores-de-letras.pt/ler/faz22/22-arte-prop.html.

¹⁷ SYMINGTON, op. cit., p. 114.

¹⁸ *Cultura: Almada Negreiros*.

In: www.terravista.pt/aguaalto/1864/Almada2.html.

¹⁹ Idem.

²⁰ Idem.

²¹ BARATA OLIVEIRA, José: *História do Teatro Português*. Lisboa 1991, p. 354.

²² Idem, p. 355.

²³ REBELLO, Luiz Francisco: *Combate por um Teatro de Combate*. Lisboa 1977, p. 165-168.

²⁴ SANTARENO, Bernardo: *Português, Escritor, quarenta e cinco anos de idade*. Lisboa 1974, p. 42.

²⁵ *Fundação de António de Oliviera Salazar*.

In: www.geocities.com/CapitolHill/Lobby/6559/estadonovo.html.